

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO TERREIRO DE UMBANDA E EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL, DIÁLOGOS POSSÍVEIS, RELAÇÕES NECESSÁRIAS.

Autora: Paula dos Reis Moita

Orientadora: Professora Dr^a Patrícia Bastos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Paulamoita2@gmail.com

Resumo: Da interseção de produções anteriores com a observação da rotina das relações tecidas nas ações do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor surge este estudo. Seu objetivo é analisar práticas educacionais formais e informais dentro do cotidiano da Instituição implicações no letramento, alfabetização, educação étnico racial e empoderamento dos indivíduos. A investigação tem por metodologia o estudo de caso, privilegiando para coleta de dados a observação participante, a entrevista e a revisão bibliográfica. Destacar e legitimar esta prática educativa que acolhe a diversidade, abriga valores democráticos, se consolida como espaço de formação do exercício da cidadania, construção crítica dos conhecimentos e na formação do leitor/autor proficiente e letrado nesse LOCUS pouco explorado pela Academia, constitui elemento relevante, de contribuição significativa para que se efetive e expanda mais práticas educacionais que possibilitem ao indivíduo descobrir o que quer, construir maneiras diferentes de pensar e agir, ampliando a possibilidade de resistência de minorias e da educação étnico racial.

Palavras Chave: Leitura - Letramento – Diversidade - Umbanda-
Relações étnico Raciais

I – INTRODUÇÃO

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010).

O presente projeto surge a partir da interseção do trabalho *Do texto ao contexto: Ler e escrever com prazer* (MOITA, Paula, 2010), apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso da graduação em Pedagogia com a observação da rotina e estrutura das relações interpessoais tecidas durante as diversas ações de educação formal e informal efetivadas no cotidiano do Centro Espírita Justiça e Amor.

No cenário atual de pesquisas educacionais, cada vez mais se busca proporcionar aos indivíduos mais do que um ensino quantitativo, mas aprendizagem significativa para a vida, incentivando e promovendo o desejo por aprender mais, inserindo o sujeito como protagonista de sua própria aprendizagem e utilizando sua realidade como mecanismo do desenvolvimento de seu processo de alfabetização e letramento e para uma educação decolonial e étnico racial. Nesse sentido, é fundamental direcionar o olhar e reflexões para os diversos espaços de convívio social

dos indivíduos, observando suas influências no processo de cognição e sua contribuição, na promoção de seu desenvolvimento global e de seu processo de empoderamento de espaços e identidades socioculturais historicamente negadas pelo o que Boaventura, 2010, denomina pensamento abissal.

Pensamento abissal, segundo o autor, é a linha invisível que separa o mundo em países desenvolvidos, subdesenvolvidos e evidencia as dominações econômicas, políticas e culturais, traduzidas por um lado na hierarquização dos saberes e, por outro, na negação da diversidade.

O Terreiro de Umbanda, mais especificamente o Centro Espírita Justiça e Amor, observado no presente estudo, surge como espaço do que o mesmo autor chama de cosmopolitismo subalterno¹, pois oportuniza dentro de sua rotina espaços de crescimento e desenvolvimento da identidade étnico racial e múltiplas linguagens inseridas em seu contexto, inclusive através de estudo sistematizado e projetos de educação/escolarização. Com isso traz a esse LOCUS, ainda pouco explorado pela academia como espaço de educação, resistência e produção de cultura, status de caminho de transformação social através concretização de direitos sociais previstos no Artigo sexto na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que afirma que “ São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

II- DESENVOLVIMENTO

O que somos, o que sabemos, nosso poder de afirmação passa pela linguagem. Discutir a linguagem é ir ao encontro de uma multiplicidade de questões que desafiam o pensamento.

Se “tudo é linguagem”, faz-se necessário conhecer melhor a linguagem nossa de cada dia.

Se a linguagem, como objeto de estudo, diz respeito a várias ciências... é preciso abordá-la por diferentes enfoques.

(A Magia da Linguagem, 2001, Contracapa).

Historicamente, ao longo das últimas décadas, tem-se observado que o termo alfabetização, entendido como apropriação do código escrito, adquiriu outras dimensões. Não basta somente ler e escrever as letras: faz-se necessário apropriar-se das múltiplas linguagens presentes

¹ O cosmopolitismo subalterno manifesta-se através das iniciativas e movimentos que constituem a globalização contra-hegemônica. Consiste num vasto conjunto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra a exclusão econômica, social, política e cultural gerada pela mais recente encarnação do capitalismo global, conhecido como globalização neoliberal (Santos, 2001, 2006b, 2006c).

no cotidiano de nossa sociedade e da leitura em suas diversas expressões e usos sociais. A este movimento podemos denominar letramento.

Segundo MOTA (2007), a palavra letramento foi incorporada ao vocabulário educacional recentemente, fruto da necessidade de se diferenciar o conceito de letramento do de alfabetização. Segundo Soares (2004), a palavra letramento aparece pela primeira vez em um texto de Mary Kato, publicado em 1986, mas é só em 1988 que Leda Tfouni define a palavra com um significado técnico. Tfouni (1997) distingue assim os termos alfabetização e letramento: “Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1997).

Magda Soares (2004), em seu artigo Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos, afirma também a respeito do surgimento do termo letramento, que este pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Falando em leitura podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. E quando se diz que uma pessoa gosta e lê”, vive lendo “, talvez seja rato de biblioteca ou consumidor de romances, histórias em quadrinho e fotonovela... sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador de letras. Bastará porém decifrar palavras para acontecer à leitura? Como explicáramos as expressões de uso corrente “fazer a leitura de um gesto ou situação;”ler o olhar de alguém;”ler o tempo”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS,1982).

Nesta perspectiva, ler é muito mais abrangente do que somente decodificar símbolos. Ler é produzir sentidos. Nessa ótica desde os nossos primeiros contatos com o mundo estamos dando os passos iniciais a aquisição da leitura.

Ao identificarmos o cheiro do peito e a pulsação de quem nos alimenta, a voz que nos acalenta ou o colo que nos protege, desde tenra idade estamos produzindo sentidos e “leituras” do mundo que nos cerca.

Nesse movimento natural de atribuir sentido a tudo a nosso redor estamos iniciando nosso caminho no processo de apropriação da leitura. FREIRE (2006), afirma isso ao nos dizer que *a leitura do mundo precede a leitura da palavra.*

Entende-se por leitura de mundo tudo aquilo que produz significado para o indivíduo.

São os olhares, os cheiros, os toques, os gostos, os saberes que temos e acumulamos na nossa vivência diária, nossa linguagem, aquilo que somos, nossas representações e símbolos, nosso conhecimento acumulado ao longo de nossa existência.

É nesse sentido que a leitura de mundo precede e propicia a leitura da palavra, criando condições e construindo as relações que viabilizam e embasam o aprendizado e aquisição da leitura e da escrita, como exposto por MARTINS, 1982 :

O leitor pré existe á descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais as oriundas do intercâmbio do seu pessoal e o universo social e cultural circundante.

Ao iniciarmos a organização dos conhecimentos adquiridos a partir de situações cotidianas e de nossa atuação sobre elas; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e o tentar resolver os problemas que se apresentam diante de nós estamos então procedendo leituras. Ao incorporar tais experiências de leitura estamos construindo subsídios para a leitura da palavra escrita e ampliando espaços de letramento.

Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias?" (SANTOS; MENESES, 2010).

Através do exposto, evidencia-se a importância da observação das múltiplas linguagens, saberes e fazeres e leituras tecidas nos espaços de educação formal e informal do cotidiano do Centro Espírita Justiça e Amor enquanto movimento de resitencia , e sua relação, influência e/ou inferência no processo de alfabetização, letramento e empoderamento dos indivíduos.



Figura I: Ação social educacional no Centro Espírita Justiça e Amor: Projeto Sucursinho

O Centro Espírita Justiça e Amor é um Terreiro de Umbanda, religião de matriz africana, situado na periferia do Rio de Janeiro. Fundado na década de 70, destaca-se como objeto de estudo dessa pesquisa por suas inúmeras ações dentro e fora do cotidiano ritualístico da religião em prol da ampliação de sentidos, identidade étnico racial, conhecimento de mundo, práticas sociais diversas de leitura. Artes, música, teatro, palestras, debates permeiam o dia a dia do terreiro, possibilitando que edifique-se, como nos diz FREIRE (adaptação de 1998), *um terreiro que porque ensina reflete, porque reflete politiza e porque politiza insere a pessoa no mundo e em suas circunstâncias, não apenas para que viva na mesma, mas, sobretudo para que construa e transforme.*

No local de realização da pesquisa, é possível constatar um espaço ainda pouco reconhecido e explorado de educação informal que, através de ações como: projetos de reforço escolar, preparatório para o ENEM; atividades socioculturais; trabalho de escuta fraterna; orientação educacional; orientação profissional e vocacional (tanto do corpo mediúnico e colaboradores da casa como da própria espiritualidade dirigente); fortalece e amplia o alcance da educação formal do grupo ao qual atende, oportunizando a estes a tomada de consciência de sua presença atuante e transformadora no mundo.

MARTINS (1982), em seu livro *O que é leitura?*, afirma que a ideia de leitura é normalmente restrita ao livro, a jornal. Leem-se palavras e nada mais, diz o senso comum. As ciganas, contudo, dizem ler a mão humana, e os críticos afirmam ler um filme. O fato é que, quando escapa dos limites do texto escrito, o homem não deixa necessariamente de ler. Lê o mapa astral, o teatro, a vida e forma a sua compreensão de realidade.

O surgimento de novas linguagens na sociedade contemporânea desencadeia novas práticas sociais de leitura e escrita e, portanto, novas formas de letramento que passam por novos olhares, despertar de consciência histórica, formas de compreender e viver dentro do grupo social.

Neste sentido, pretende-se discutir nesta pesquisa que a apropriação dos espaços informais de educação pela sociedade amplia as possibilidades do letramento pelos indivíduos e permite mais do que ler além das letras: possibilita ao sujeito se movimentar dentro da pluralidade de linguagens e saberes existentes em nossa sociedade, transformando estes em instrumentos de crescimento, inserção social e, conseqüentemente, de construção da autonomia, exercício de cidadania e empoderamento.

Para VIGOTSKY (1987), a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, sendo a principal mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Em cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória particular, trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo.

A linguagem, segundo o autor, age decisivamente na estrutura do pensamento, e é ferramenta básica para a construção de conhecimentos e mediação social.

O desenvolvimento do indivíduo perpassa pela linguagem, pois é através dela que o sujeito compreende e age no mundo. Ele se constitui como tal à medida que interage com os outros, sendo sua concepção e conhecimento de mundo resultado desse movimento social de interação. Esse sistema comunicativo é, pois, uma forma de ação, um lugar de interação que possibilita aos indivíduos de uma sociedade a prática de diversas ações. É na interlocução que a linguagem e o sujeito se constituem.

As práticas educativas formais e informais dentro do cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor refletem o paradigma acima pois têm por eixo propulsor de suas ações as múltiplas linguagens (artística, musical, plástica, escrita, oral, etc.) utilizadas como elemento mediador do processo de letramento, alfabetização dos indivíduos e também, por se apropriarem de estratégias que tomam o papel desse sistema simbólico na formação da consciência e empoderamento dos indivíduos.

Destacar e legitimar esta prática educativa inclusiva, que acolhe a diversidade, que abriga valores democráticos e que se consolida como espaço privilegiado na formação do exercício da cidadania, na construção crítica dos conhecimentos e na formação do leitor/autor proficiente e letrado nesse LOCUS ainda pouco explorado pela Academia, constitui elemento relevante e de contribuição significativa para que se efetive e expanda cada vez mais práticas educacionais que possibilitem ao indivíduo descobrir o que quer, aprender o sentir, construir maneiras diferentes de pensar e, dessa forma, agir e proceder com alegria e coerência, paixão e entusiasmo, abnegação e consciência.

O Objetivo geral dessa pesquisa consiste em analisar as práticas dentro do cotidiano do Centro Espírita Justiça e Amor e suas implicações no letramento, alfabetização, na formação da consciência, da identidade étnico racial e no processo de empoderamento dos indivíduos.



Figura II



Figura III



Figura

IV:

Oficina de Turbantes no Centro Espírita Justiça e Amor

Dentre os objetivos específicos destacam-se: discutir “A leitura da vida e a vida na leitura”, práticas sociais de leitura e as linguagens dentro do cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor numa perspectiva crítica, inclusiva, étnico racila, democrática e cidadã e estabelecer relações entre as múltiplas linguagem acolhidas no cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, a mediação do processo de letramento e alfabetização dos indivíduos e o papel desse sistema simbólico;

A Discussão traz como referencial teórico norteador básico os estudos de Magda Soares, Vigotsky, Paulo Freire, e Mikhail Bakhtin.

A pesquisa em foco foi motivada pelas observações realizadas durante a participação nas atividades cotidianas e projetos sociais do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor correlacionadas com pesquisa acadêmica constituída ao longo do curso de graduação e pós-graduação, e tem por campo de observação a sede e os espaços de atuação da já citada instituição.

Uma mudança de paradigmas tem se feito cada vez mais presente no discurso e, com esforço, na prática de teóricos e profissionais da educação e áreas afins, a saber, aquela através da qual se propõe um novo olhar sobre as formas de acesso e transmissão da cultura via aprendizagem e domínio da língua. (RIBEIRO,2004)

A língua é a unidade da linguagem, e é constituída por um sistema de signos. Esta depositada como um produto social da mente do falante de cada comunidade. (SAUSSURE,1916)

Diante disto, a investigação tem por metodologia o estudo de caso, que se dará no âmbito das práticas dialógicas e educacionais de ampliação de conhecimento de mundo,

alfabetização e letramento no espaço da Instituição Religiosa de Umbanda denominada Centro Espírita Justiça e Amor, privilegiando para coleta de dados a observação participante, a entrevista em profundidade e a revisão bibliográfica.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avalia-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor ação transformadora.(CHIZZOTI, 2003)

Através da observação participativa, de entrevistas e da análise dos dados pretende-se analisar as relações e interseções das múltiplas linguagens presentes nesse espaço informal de educação e suas implicações no processo de letramento, da alfabetização, inserção social, construção da autonomia e empoderamento do indivíduo.

III – CONCLUSÕES

Ao abordarmos o tema práticas educacionais formais e informais dentro do cotidiano do Centro Espírita Justiça e Amor e suas implicações no letramento, alfabetização, na formação da consciência, educação étnico racial e no processo de empoderamento dos indivíduos, procura-se, através do estudo de caso e da revisão bibliográfica, compreender melhor a realidade vivenciada no cotidiano nesse LOCUS pouco privilegiado pela sociedade enquanto produtor de saberes e promotor de transformação nos indivíduos e na sociedade.



Figura V



Figura IV

Palestra sobre Racismo com a Professora Doutora Mônica Sacramento, no evento I Terreiro de Portas Abertas

Discutir “A leitura da vida e a vida na leitura”, práticas sociais de leitura e as linguagens dentro do cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor numa perspectiva crítica, inclusiva, democrática e cidadã e estabelecer relações entre as múltiplas linguagens acolhidas no cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, a mediação do processo de letramento e alfabetização dos indivíduos e o papel desse sistema simbólico são alguns dos objetivos deste trabalho.

As conclusões parciais tem apontado para conquistas relevantes num movimento que não é só de modificação da visão de educação nos espaços não formais , mas também de contribuição significativa para que os movimentos de ampliação dos espaços de letramento, alfabetização e empoderamento dos indivíduos contribuam para o alargamento de oportunidades e consequentemente da transformação e vidas e da própria sociedade através de uma educação étnico racial que construa e valorize as múltiplas identidades e contribuições culturais não só no espaço de pesquisa, mas na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES,Nilda,Paulo Sgarbi (orgs.).Espaços e imagens na escola –Rio de Janeiro; DP&A,2001.(O sentido da escola,20)

ANTUNES, Celso. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em 02 de julho de 2017.

FIORIN: José Luiz de. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006

FREIRE,Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/Paulo Freire. – 47.ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

FREIRE,Paulo.Pedagogia da Autonomia:saberes necessarios a pratica educativa/Paulo Freire. – São Paulo :Paz e Terra,1998 (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir, Paulo Roberto Padilha e Alicia Cabezudo (2004). Cidade educadora: princípios e experiências. São Paulo: Cortez.

GARCIA,Regina Leite.A invenção da escola de cada dia/ Nilda Alves (org.), :[ilustrações:Ricardo Goulart]. –Rio de Janeiro:DP&A,2000.(O sentido da escola;14).

MALHEIROS, Bruno Taranto. Didática Geral/Bruno Taranto Malheiros; organização Andrea Ramal;RJ:LTC,2016.

MOTA, Marcia Elida da, Algumas considerações sobre o letramento e o desenvolvimento metalingüístico e suas implicações educacionais, 2007, arquivo online disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a10.pdf> , acessado em 24 de agosto de 2013.

RIBEIRO, A. E. A. ; CAVALCANTI, Robson Barbosa . Letramento e cultura: interfaces. In: Henrique Garcia Sobreira. (Org.). Educação, cultura e comunicação nas periferias urbanas. 1ed.Rio de janeiro: Lamparina, 2010, v. 01, p. 137-156.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São. Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas. Epistemologias do Sul

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos, revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Série Psicologia e Pedagogia.